

Simpósio sôbre conservação da natureza

Realizou-se na Guanabara, em outubro de 1968, sob os auspícios da Fundação Brasileira Para Conservação da Natureza e da Academia Brasileira de Ciências, o I Simpósio Sôbre Conservação da Natureza, reunindo técnicos e cientistas de diversas partes do mundo.

Sôbre o assunto que foi tema do Simpósio, e ainda relatando os debates que se travaram, os jornalistas Fuad Atala e Gil Castelo Branco fizeram publicar no matutino *Correio da Manhã*, edição de 3 de novembro de 1968, extenso e pormenorizado artigo, que pela perfeita técnica de comunicação com o leitor tomamos a liberdade de reproduzir:

“No Simpósio sôbre Conservação da Natureza e Restauração do Ambiente Natural do Homem, foi apresentado um quadro sombrio: em muitas partes do mundo, a cada minuto que passa, estamos perdendo alguns hectares de terreno para dar lugar a estradas, casas, aeroportos e áreas diversas para a ocupação humana. Recursos e regiões naturais estão sendo transformados em despejo de lixo num ritmo tal que podemos ficar sem espaço aberto e sem capacidade de recuperação ecológica para absorver e reconverter os resíduos em sobras inofensivas. A flora e a fauna são arrasadas. As matas destruídas. As terras envolvidas e abandonadas.

Na atmosfera, igualmente, o panorama não é menos sombrio. Toneladas de fumo e gases tóxicos das chaminés industriais e canos de descarga empestam o ar que respiramos. Ruídos de máquinas em tráfego nas ruas ou nas fábricas, a balbúrdia dos grandes centros, tudo contribui para tornar a vida moderna um inferno. Os cientistas que se ocupam da conservação da natureza — e tôdas essas questões fazem parte de seu objetivo —, estão aler-

tando os governos do mundo inteiro para os alarmantes indícios da próxima inviabilidade da vida humana na face da terra.

Conservar a natureza não significa proibir o seu uso. Não significa impedir os avanços da tecnologia ou vetar as comodidades da vida moderna. Como um todo inseparável — terras, águas, atmosfera, plantas e animais — a natureza tem um fim que se confunde com o próprio homem: o manejo racional de seus recursos.

Quando um cientista denuncia a devastação florestal ou a iminente extinção do pequeno mico-leão, muita gente pergunta para que tanto barulho. Outros entendem menos por que se clama tanto contra a captura indiscriminada da borboleta azulão, da ariranha do Xingu, da tartaruga do Amazonas ou a coleta excessiva da orquídea perdida no recesso das matas.

No relacionamento dos seres vivos da Natureza com seu meio total, da mesma forma que no relacionamento das pessoas numa comunidade, nenhum ato é isolado. A vida sôbre a face da Terra é um elo contínuo. Ao sabor das correntes do mar flutua um microcosmo de plantinhas quase invisíveis — plâncton — que vai alimentar uma infinidade de pequenos peixes e outros animais marinhos. Dêles e também das plantas aquáticas de maior porte se alimentam os peixes maiores, que por sua vez vão representar o prato de largas faixas da população humana.

Sôbre a superfície, passa-se algo semelhante. Vasta quantidade de animais — os herbívoros — utilizam plantas e seus produtos na alimentação. Outros — os carnívoros — capturam aquêles para sobreviver. Como onívoro, isto é, que se alimenta de produtos de origem tanto animal como vegetal, o

homem depende em última instância dos vegetais e logicamente do solo onde eles crescem.

Não comemos orquídeas, ariranhas ou borboletas. Mas além do lado estético e científico que todo ser vivo representa na Natureza, cada um deles tem lugar específico e função definida na longa cadeia da vida. Cada qual faz parte de um ambiente, em determinada comunidade viva, regida por leis naturais e dinâmica própria. Na luta pela vida que aí se estabelece nada é imortal: soberanas únicas, as plantas, no processo da fotossíntese, fabricam frutos e raízes, os animais se alimentam delas e uns aos outros o equilíbrio se mantém em condições normais. Quando se rompe um anelo dessa cadeia — a predação por meios artificiais de uma espécie, por exemplo — a comunidade se desequilibra. Seus reflexos atingem as comunidades próximas e por fim o próprio homem.

Esta é a razão porque os cientistas, no mundo inteiro, se preocupam tanto com as espécies animais ou vegetais que sofrem uma ação deletéria do homem, ameaçando-os de extinção.

No Vietnã, extensas áreas de florestas foram queimadas pelas bombas de napalm dos ataques aéreos. Na China desmatou-se pelo menos um quarto do seu território, que perdeu em seguida toda fertilidade. Na região centro-sul da Itália, 50 mil quilômetros das terras sofreram o desflorestamento, e agora estão ameaçadas pela erosão. Nos Estados Unidos, anualmente perdem-se dois mil quilômetros quadrados por causa da erosão, que é preciso combater, sendo carregados pelas águas, num único território, 120 milhões de hectares, nos últimos, 150 anos. Na Grécia, a destruição das suas florestas reduziu antigas regiões de riqueza vegetal a áreas de improdutividade. Na África, para obtenção de terras agrícolas, também foram destruídas florestas, com graves prejuízos para o ambiente, pois estas áreas em poucos anos se tornaram impróprias para a cultura, formando-se a savana, improdutiva para o ser humano. Criou-se o deserto. E na América do Sul, a Venezuela, o Equador, Argentina e o Brasil,

sofreram também este processo em vastas regiões florestais.

Se continuarmos nesse ritmo, o que será da terra amanhã? Poderemos viver num mundo sem vegetação? A terra será transformada num imenso deserto? As perguntas foram feitas durante o simpósio pelo professor Mário Pavan do Instituto de Entomologia Agrária da Universidade de Pávia, Itália.

Desde o começo da era industrial — assinalou o técnico italiano — a percentagem de gás carbônico (anidrido carbônico) aumentou em 10 por cento, estando todas as grandes capitais de modo geral correndo sério risco atualmente, com a poluição atmosférica.

O Sr. Mário Pavan observou que “a contaminação do ar neste ritmo, provocará um aquecimento da atmosfera que trará profundas repercussões mundiais”.

“Calculou-se, durante o Ano Geofísico Internacional que haverá um aumento de 70 por cento no CO₂ (gás carbônico) da atmosfera até o ano 2 000, em razão da poluição de fábricas, chaminés, etc. Com isto se reveste de enorme importância o papel regularizador do CO₂ exercido pelos oceanos e pelas florestas. Se a poluição ultrapassar a capacidade de regulação carbônica, os climas terrestres se tornarão mais quentes e a elevação de apenas alguns graus anuais médios resultará no derretimento das calotas polares. A consequência do derretimento dos gelos do Ártico seria a elevação dos oceanos cerca de 20 metros, o que acarretaria a submersão da maioria das grandes cidades em todo o mundo.

Quanto ao reflorestamento — diz ainda o cientista — as novas plantas encontram difíceis condições de vida.

Na Europa, com a destruição das florestas, já foram extintas as associações de animais úteis à flora, como o caso da formiga do grupo *Formica Rufa*.

Estas formigas protegem a floresta contra os insetos daninhos. Atualmente elas destroem cada ano, 700 mil toneladas de insetos, apesar de

haverem sido reduzidas, sendo agora protegidas contra tôdas as formas de dano ou destruição, e sendo transportadas do lugar de origem para áreas que estão aplicando o reflorestamento.

A vida humana nas grandes cidades está sujeita a uma série de prejuízos que pesam diretamente sôbre o ambiente. É a poluição, sob tôdas as suas formas.

A atmosfera recebe diariamente um carga imensa de resíduos gasosos, poeiras e refugos provenientes de automóveis, indústrias, geradores de eletricidade, ruídos de aviões, queima de lixeiras, despejo de lixo. Em conseqüência aumenta o teor de gás carbônico e outros gases tóxicos, diminuindo a proporção de oxigênio essencial para a respiração dos seres vivos.

No setor das águas, os esgotos municipais e industriais lançam dejetos e líquidos de tratamento, poluindo o ambiente. As águas vão ter ainda resíduos animais de currais e matadouros, produtos de erosão e sedimentação, provenientes de mineração superficial, erosão de barrancas de rios, erosão de morros e enxurradas nas cidades, derrubadas de matas em divisores de água, detergentes não-decompostos biologicamente, água de resfriamento superaquecida, em prejuízo dos seres aquáticos. Some-se ainda a ação dos navios lançando detritos e óleo nas praias.

Na superfície, a poluição terrestre é representada pelo acúmulo de resíduos sólidos, como as famosas "sapucaias" de lixo; os cemitérios de veículos, o lançamento de resíduos de experiências atômicas. O mau uso da terra traz uma série de vícios: falta de planejamento urbano, ausência de zoneamento na expansão urbana, localização imprópria de auto-estradas, linhas de transmissão de força.

Para o Sr. Charles Stoddart, coordenador regional do Departamento do Interior dos Estados Unidos, se a atual maneira de eliminar os resíduos não fôr reformulada, pelo aproveitamento desses resíduos ou seu lançamento em condições inofensivas, o ambiente humano tenderá para uma dete-

rioração mais rápida. No seu entender são necessários programas a longo prazo para impedir a destruição do ambiente.

O Sr. Fausto Pereira Guimarães, do Instituto de Engenharia Sanitária do Rio de Janeiro, traçou o seguinte quadro:

A Baía de Guanabara vem sofrendo nos últimos 40 anos uma crescente poluição com forte impacto sôbre a flora e a fauna de determinadas áreas, ocasionando o desaparecimento de muitas espécies. As principais fontes de poluição são os esgotos domésticos e industriais, por via direta ou através de rios que nela desembocam. Também o lixo urbano, o refugio de petróleo das embarcações e os produtos das refinarias e terminais marítimos contribuem para a rápida deterioração das águas da baía. A poluição atmosférica, agravada pelos fenômenos de inversão da temperatura, em 20 a 30% do tempo, anualmente, é devida primeiramente à emissão das chaminés industriais, aos incineradores domésticos de lixo, aos gases de escapamento de veículos motorizados e às queimadas a céu aberto.

Três fatores principais estão pondo em perigo o futuro dos macacos sul-americanos: a destruição do *habitat*, a intensidade da caça e a apanha dos animais para xerimbados (criação doméstica). No Brasil, os dois primeiros fatores parecem ser mais importantes do que o último. O uso e conservação dos macacos do Nôvo Mundo foi visto pelo Sr. R. W. Thorington Jr. do New England Regional Primate Center, de Massachusetts, como peça importante em numerosos estudos que incluem pesquisas sôbre arterioesclerose, malária, patologia dental, vírus, deficiências alimentares e neurofisiologia.

Aponta o Sr. R. W. Thorington que a preservação de áreas naturais, além dos 18 parques nacionais e reservas, torna-se essencial em vista do crescimento dinâmico da população e da economia do Brasil nos próximos 50 anos. A preservação das florestas é apenas o passo inicial, pois a caça nessas áreas deve ser controlada ou im-

pedida. Isso — segundo o cientista — não é praticável em áreas onde o povo não tem carne suficiente para comer, e a introdução de proteína abundante e barata onde houver falta, seria provavelmente mais importante do que qualquer outra medida para conservar as populações naturais de macacos.

O *habitat* físico pode ser melhorado como um benefício para as populações de peixe, pelo rejuvenescimento do fundo de rios e de lagos, construção de canais ou sítios de desova e pelo uso de recursos para melhoramento de correntes. Flutuações de níveis de água podem ser utilizadas para estimular desovas proveitosas de espécies piscosas, impedir a desova de espécies indesejáveis, controlar plantas aquáticas e estimular a predação de espécies forrageiras.

O Sr. Willis King, do Bureau of Sport Fisheries and Wildlife, do Departamento de Interior dos Estados Unidos — comentou êsse problema no seu trabalho sobre Manejo de Populações de Peixes de Água Doce.

Explicou o Sr. Willis King que nas últimas três décadas, nos Estados Unidos, o uso de produtos químicos tornou-se generalizado no controle da fauna lacustre e fluvial. Os produtos são utilizados para aturdir, narcotizar ou matar os peixes, para controlar-lhes os parasitas e para destruir plantas aquáticas indesejáveis.

O Sr. Alceo Magnanini, do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal, abordando a aplicação da legislação como técnica conservacionista, disse que a legislação deve acompanhar as restrições impostas pela própria natureza ao uso da terra. Citou que a lei deve impor aos proprietários de terras defenderem à própria custa a produtividade do solo. Comentando a situação brasileira dentro deste aspecto, demonstrou que a aplicabilidade das leis como instrumentos técnicos em prol do conservacionismo teve grande expansão, ultimamente, pois uma mudança substancial foi feita pela nova legislação, ao invés de adotar o critério de uma Política Florestal única, entregando a fiscalização a todo o povo.

Durante o Simpósio sobre a Conservação da Natureza e Restauração do Ambiente Natural do Homem, vários técnicos comentaram a Lei n.º 5 197, de 3-1-67, de proteção à fauna.

Em seu art. 2.º, estabelece a lei que “fica rigorosamente proibido em todo o território nacional a captura, coleta ou caça, a compra ou venda, o comércio, o transporte e a exportação de exemplares das espécies relacionadas na lista de animais ou plantas ameaçadas de extinção no Brasil, bem como os produtos dessas espécies”.

Entretanto, apesar de ser a lei muito boa — observou o Sr. Helmuth Sick, do Museu Nacional — ela ainda não está sendo bem aplicada, por falta de conhecimento das autoridades, talvez por ser uma lei muito recente.

Na lista de animais ameaçados de extinção no Brasil, organizada pela Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza, encontram-se as seguintes espécies: mamíferos: mono ou muriqui; uacari-branco mico-leão, guará ou lobo, ariranha, lontra, cachorro-do-mato-vinagre, tatu-canastra, tamanduá-bandeira, preguiça-de-coleira, peixe-boi, veado-campeiro e calimico.

Entre as aves temos: macuco, cordona-buraqueira, mergulhador ou patão, hárpia ou gavião-real, gavião-de-penacho, gavião-pega-macaco, mutum, jacutinga, araponga-do-nordeste, beija-flor (diversos), curió ou avinhado, chorão, papagaio-do-peito-roxo, furamato, bicudo, arara-azul-pequena e o cuiú-cuiú.

A tartaruga-de-couro e a tartaruga-de-pente são os dois répteis citados como ameaçados também de extinção no Brasil.

Estabelecer mais reservas biológicas pelo território nacional será o único meio de, no futuro, o Brasil garantir sua fauna e flora, segundo conclusão do Simpósio Sobre a Natureza. Foi sugerido no conclave o aproveitamento das áreas destinadas às Forças Armadas para serem utilizadas como reservas biológicas.

No momento, os técnicos estão estudando um projeto que deverá espe-

cificar as áreas mínimas que deverão limitar as futuras reservas. O Brasil dispõe, atualmente, de 27 reservas e 18 parques, mas, na opinião dos cientistas, estes locais não apresentam condições ecológicas ideais para seu manejo e manutenção. Apontaram ainda os técnicos que com as reservas biológicas haverá maiores condições de se fazer cumprir a Lei n.º 5 197, de proteção à fauna.

O Sr. Thomas L. Kimbali, da National Wildlife Federation Washington, analisou o "Cumprimento das Disposições Legais no Serviço de Parques Nacionais", dizendo que "nenhuma exposição sobre imposição da lei em situações que ocorrem nos parques nacionais estará sem uma compreensão do papel desempenhado pelo pessoal uniformizado encarregado de fazer cumprir a lei". Disse o Sr. Thomas Kimbali que "o povo freqüenta os parques nacionais em busca de inspiração, repouso e refrigério, e cabe ao serviço de parques administrar essas áreas de forma a manter íntegras as finalidades para as quais foram instituídas".

— Para melhor entender-se o assunto — acentuou — há que se fazer referências à história do sistema de Parques Nacionais nos EUA. O primeiro parque, o de Yellowstone, foi criado em 1872 para proteger a vida silvestre contra seus destruidores e conservar uma região de grande beleza cênica.

— Na medida em que a população cresce, tem-se procurado estimar o progresso do país em termos de maior rendimento, através da utilização crescente dos recursos naturais, sem levar

em conta os problemas de preservação dos ambientes, por meio da preservação dos valores estáticos que não podem ser expressos em termos de dinheiro.

— Todo o esforço é feito no sentido de aplicar as medidas coercitivas com equilíbrio, dignidade e bom senso. A detenção nem sempre é a atitude mais aconselhável, e o sucesso na aplicação de uma lei depende mais das qualidades pessoais do funcionário do que a letra da lei, propriamente".

Ao tecer considerações sobre "A Criação de Animais Nativos no Brasil", disse o Sr. Paulo Nogueira Neto, do Departamento de Zoologia da USP, que "no Brasil primitivo, a abundância natural dos bichos constitui um desestímulo à realização de grandes esforços para a sua criação em domesticidade. O índio, porém, criou porcos "europeus", galinhas, perus, já domesticados em outras terras, pois isso era mais fácil".

O Sr. Wolfgang Burhene, presidente da Comissão sobre Legislação de Bonn (Alemanha), discorreu sobre "Novos Métodos no Campo da Legislação Conservacionista". Ao situar a legislação conservacionista dentro do contexto geral da legislação, o Senhor Wolfgang Burhene chamou a atenção para o fato de ser "esse aspecto comumente negligenciado", do que resultou, em todos os países, uma legislação fragmentária composta de normas, atos, decretos isolados e leis de caráter local e especial. Mostrou a necessidade de reunir e comparar essa legislação, o que é dificultado pela ausência de pessoal capacitado e interessado.

Exposição em Brasília

Foi apresentada ao público no Hotel Nacional, em Brasília, organizada pela Fundação IBGE, sob o patrocínio do Ministério do Planejamento, exposição sobre o Brasil, em que o nosso país foi simbolicamente mostrado por meio de números, gráficos, pranchas, tabelas estatísticas, mapas e cartas geográficas.

A exposição esteve aberta no início de dezembro, encerrando-se no dia 12 daquele mês. Os gráficos, cartogramas e quadros estatísticos, além de fotografias e ilustrações, traduziam o estado e a dinâmica da população, o vulto e o desenvolvimento da produção em geral, o movimento comercial e financeiro, a situação educacional e outras particula-